

O trabalho e a sua ausência: narrativas juvenis na metrópole de Maria Carla Corrochano

São Paulo: Annablume; Fapesp, 2012. (Trabalho & Contemporaneidade) 299 p.

Gislaine de Medeiros Baciano

Graduada em História – UNICSUL;
Mestre e Doutoranda em Educação – UNINOVE;
Professora de Ensino Fundamental II e Médio na PMSP.

Maria Carla Corrochano é socióloga e doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Atuou como assessora do Programa “Juventude”, da Organização Não Governamental (ONG) Ação Educativa de São Paulo, e também como consultora da Organização Internacional do Trabalho (OIT) para a elaboração da Agenda Nacional do Trabalho Decente para a Juventude. Atualmente, é professora adjunta do Departamento de Ciências Humanas e Educação da Universidade de São Carlos – Campus Sorocaba. Desde 1997, realiza pesquisas sobre juventude, educação e trabalho.

Esta obra é fruto da tese de Doutorado de Corrochano, defendida em 2008, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, sob orientação de Marília Sposito. Nela, a autora discute as percepções da juventude sobre o trabalho e a sua ausência, tomando como sujeitos de pesquisa jovens da capital paulistana que participaram do Programa Bolsa Trabalho (PBT) durante a gestão de 2001 a 2004. A autora não buscou medir os impactos do Programa, ou abordar as ações públicas voltadas à juventude; seu objetivo era compreender como os jovens vivem e significam as experiências de trabalho e de não trabalho, e como as relações de trabalho interagem com outras esferas de suas vidas.

Para analisar a relação juventude e trabalho, Corrochano adotou, como aporte teórico principal, a sociologia francesa, referenciando-se em estudos realizados por: Emmanuèle Reynaud, Robert Salais, François Dubet, Jean-Hugues Déchaux e Didier Demazière, entre outros. Considera a autora que juventude e desemprego são categorias socialmente construídas e que, na sociologia francesa, existe uma abundante literatura sobre tais aspectos. Diz ela: “Foram privilegiados aqui os estudos franceses sobre emprego, desemprego e juventude, em virtude da importância da França na produção acadêmica acerca dessas temáticas.” (p. 38)

Segundo Corrochano (2012), os teóricos franceses enfatizam a necessidade de diferenciar as noções de jovem e juventude, esta enquanto confluência geracional em meio à multiplicidade de vivências juvenis. A autora adota como perspectiva de análise da juventude seus modos específicos de inserção social, focando o aspecto do trabalho, mas não de modo isolado. Analisa as percepções dos jovens sobre o trabalho, contextualizando-as como uma das nuances da transição para a vida adulta.

Sobre a inserção social dos jovens, Corrochano afirma que os autores franceses contemporâneos estão superando o viés reprodutivista e incorporando noções como trajetórias e encruzilhadas de destinos, por considerarem que tal inserção está associada a uma gama de fatores, família, escola e trabalho, entre eles. E também por considerarem que os próprios jovens interferem nos processos de transição para a vida adulta ao transformarem as relações com as instituições e os processos de socialização dos indivíduos, dessa forma introduzindo lógicas de ação individual como a da integração, a da estratégia e a da subjetivação. A combinação de tais lógicas dependeria, em parte, da posse de recursos materiais e simbólicos que atuam como redes e suportes que constituem variáveis das trajetórias individuais.

Para a realização da pesquisa foi utilizada uma metodologia qualitativa, com a realização de entrevistas em profundidade com 38 jovens entre 19 e 23 anos que haviam participado do PBT, alguns familiares desses jovens e também alguns gestores do Programa. A autora buscou conhecer as percepções dos jovens sobre o trabalho em seus percursos, partindo da discussão sobre sua participação no Programa. Entretanto, não se limitou a problematizar a relação juventude e trabalho: observou também alguns aspectos correlatos que contribuíram para a categorização dos discursos e para o delineamento dos grupos definidos com base nas narrativas que definem a estrutura do livro.

É interessante observar que apesar de toda convicção quanto ao uso das entrevistas como metodologia de pesquisa, a autora não havia pré-estabelecido como elas seriam categorizadas e analisadas. Partindo da perspectiva de apreender os sentidos que os jovens atribuem ao trabalho e a sua ausência, optou por agrupar as narrativas em quatro grupos, conforme as aproximações das experiências, a saber: Trabalhando desde cedo; Sem trabalho “de verdade”; Em busca de emprego melhor, e Prioridade à formação para trabalhar “na área”.

O livro se divide em cinco capítulos. No primeiro, a autora relata o referencial teórico que pautou sua análise, centrando a discussão nas categorias juventude e desemprego. Ela situa a juventude e o desemprego como categorias construídas social e historicamente, e discute a atuação das instituições em relação às experiências juvenis no contexto das transformações ocorridas no mundo do trabalho.

Já no segundo capítulo, traça um breve panorama das ações públicas desenvolvidas no Brasil destinadas à geração de trabalho e renda para a juventude, detendo-se mais profundamente no Programa Bolsa Trabalho, que foi seu universo de pesquisa. Descreve a operacionalização do Programa e discute alguns aspectos como renda, contrapartida e descompasso, pontuando que, apesar de participarem do Programa, alguns jovens continuaram trabalhando e outros tiveram suas expectativas frustradas, criticando os cursos de qualificação oferecidos.

Em seguida, no terceiro capítulo, a autora traça o percurso metodológico da pesquisa, apresentando os procedimentos adotados até a seleção dos sujeitos entrevistados, com o cuidado de relatar como foram realizados os contatos com os implementadores do PBT e com os próprios jovens.

No quarto capítulo são trazidas as narrativas dos jovens sobre seus percursos e os significados que atribuem ao trabalho em suas vidas. Por fim, são apresentadas algumas considerações que sintetizam as interrelações entre trabalho, escola e família e que impactam a trajetória social dos jovens. A autora salienta a centralidade do trabalho em suas vidas.

Corrochano destaca a necessidade de atentarmos para o uso da noção de desemprego no Brasil, destacando que esta passou a ser utilizada na Europa numa conjuntura em que um sólido sistema de direitos sociais começa a entrar em declínio. Nessa direção, especifica não só as particularidades brasileiras referentes aos direitos sociais como também detalha a variedade de condições ocupacionais existentes atualmente. Considera que há uma vasta gama de posições intermediárias entre a atividade e a inatividade, nem todas legitimadas como desemprego; situa que o não trabalho é percebido de diferentes maneiras pelos jovens e não é visto simplesmente como desemprego, como algumas pesquisas costumam indicar. Para ela, o desemprego “(. . .) é vivido de maneira mais dramática entre os jovens com menos recursos econômicos, escolares e culturais; e de forma mais banalizada entre os jovens com maiores recursos”. (p. 48-9)

Este livro se destaca entre as obras que se propõem a discutir as relações dos jovens com a vida profissional, pois estas geralmente discutem a inserção profissional de jovens egressos de um determinado curso em algum contexto específico, sem realizar análises mais abrangentes sobre a juventude e o trabalho. A presente obra não consiste numa discussão sobre o PBT, mas numa análise do sentido que o trabalho ou a sua ausência adquirem na vida dos jovens.

A leitura deste livro interessa a todos aqueles que estudam ou se interessam pela temática da juventude e do mundo do trabalho, assim como para aqueles que buscam conhecer as discussões que se têm travado no âmbito da sociologia do trabalho, pois a autora sistematiza as discussões sobre essa temática que têm ocorrido no Brasil e na Europa, sobretudo na França.